

Sarney atropela históricos e vai presidir Senado

Alan Marques

HELENA CHAGAS •
DIANA FERNANDES

Um rolo compressor do PMDB sarneyzista, aliado ao grupo do ex-governador Orestes Quércia, garantiu ontem a indicação do ex-presidente José Sarney para a presidência do Senado com 13 votos na bancada do partido, contra cinco dados ao senador Pedro Simon (RS) e quatro ao senador eleito por Goiás Íris Rezende. Os aliados de Sarney e Quércia conseguiram impor ainda uma segunda e inesperada derrota ao chamado grupo "ético" do PMDB gaúcho, elegendo o senador Jader Barbalho (PA) para a liderança da bancada no Senado por 14 votos, contra apenas oito do adversário José Fogaça (RS). Os candidatos derrotados identificaram "traidores" nas duas votações: Íris Rezende teve três votos a menos do que o prometido; e Fogaça computava a seu favor, horas antes da eleição, o placar de 14 votos que acabou sendo de Jader.

"Eu contava pelo menos com mais três votos", admitiu o ex-governador de Goiás, acrescentando que não citaria os nomes dos que lhe prometeram voto e acabaram votando em Sarney "para não causar constrangimento". Aliados de Íris, porém, fizeram questão de contar que, na véspera, tinham a garantia de voto dos senadores Gérson Camata (ES), Ramez Tebet (MT) e Flaviano Melo (AC). Flaviano chegou a ir ao Hotel Aracora ontem pela manhã, para uma conversa em que garantiu seu voto

ao senador por Goiás. Na hora, os três apoiaram Sarney.

Tebet e Camata foram justamente os últimos votos computados pelos sarneyzistas ontem. "Ontem (anteontem) à noite, ganhamos o voto do Ramez Tebet", contava o senador Gilberto Miranda (AM), um dos articuladores do grupo Sarney. Segundo Miranda, Tebet foi superintendente da Sudeco nomeado por Sarney e não iria ficar contra o ex-presidente. Camata foi o 13º e último voto sarneyzista, acertado meia hora antes da reunião da bancada. "Na hora da votação, eu já pude sentir que não teria os votos que eu imaginava", disse Íris.

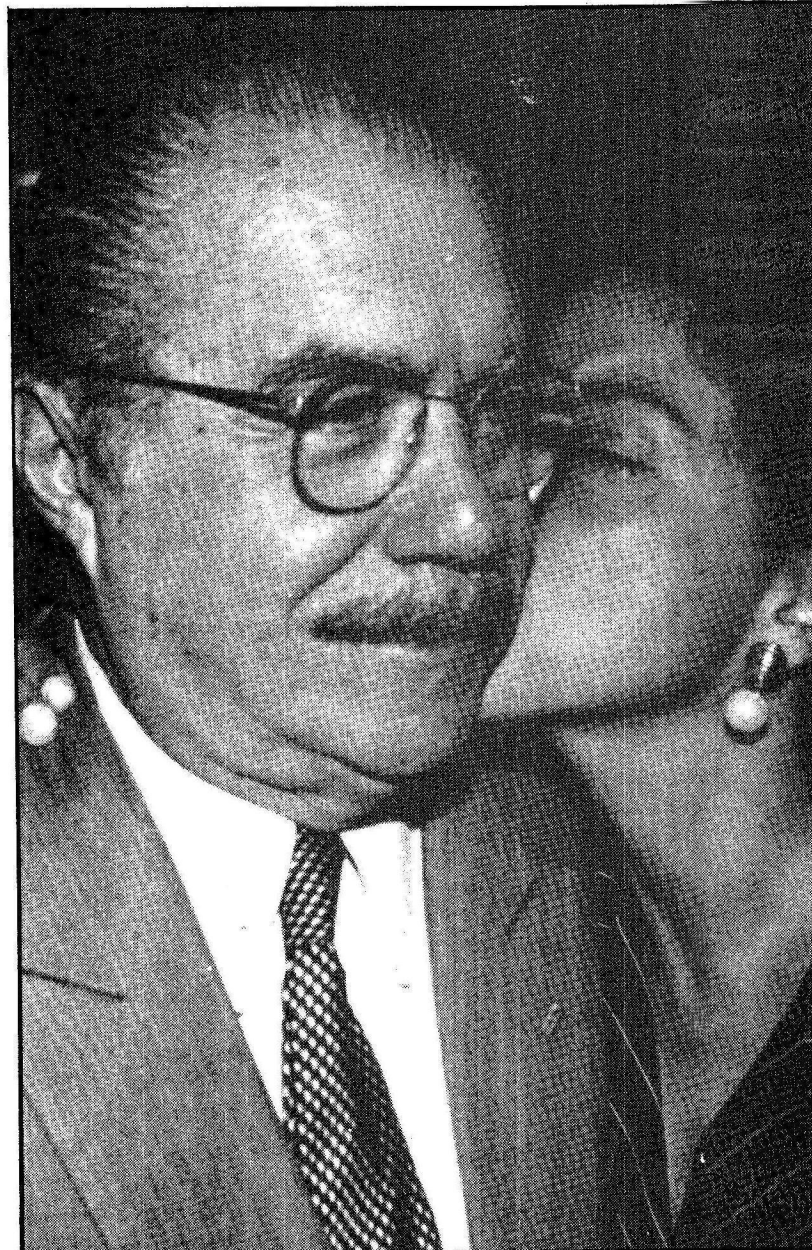
Pacote — "Comigo, não houve traição. Mas o Fogaça contava com 14 a 15 votos para a liderança. Acharmos que, escolhendo o Sarney, a bancada ia fazer uma compensação e elegeria o Fogaça líder. Mas parece que eles fizeram um pacote", lamentava o senador Pedro Simon, que recebeu os cinco votos que esperava (o dele próprio mais os de Roberto Requião, Caciilo Maldaner, Coutinho Jorge e Fogaça) mas foi surpreendido com a derrota do aliado Fogaça. Atônito, o senador gaúcho constatou tarde demais que os votos que eram negociados para Sarney se estendiam ao quercista Jader Barbalho.

Um dos principais argumentos de Barbalho para conquistar os colegas, repetido durante a reunião da bancada, é o de que, como líder, vai se empenhar para que o governo atenda as reivindicações dos senadores quanto às questões estaduais

e aos cargos federais. "O Jader prometeu prestigiar os companheiros, lutar conosco pelas reivindicações junto aos ministros", contou o senador Gilvan Borges (AP).

Bate-boca — A reunião da bancada, onde todos os candidatos discursaram, acabou numa troca de alfinetadas entre Sarney e Simon. Primeiro a falar, Sarney discursou por 35 minutos defendendo a independência entre os poderes e a modernização do Senado. Simon veio em seguida e falou durante uma hora sobre sua atuação no PMDB histórico desde os primórdios do partido e concluindo que "Sarney não tem cara do PMDB". Foi o suficiente para que o ex-presidente pedisse o direito de réplica, logo depois do terceiro orador, Íris Rezende. Sarney respondeu afirmando que nunca "atropelara" ninguém, em sua vida pública, lembrando os bastidores de sua escolha como vice de Tancredo Neves. "Eu não impus minha candidatura", disse o ex-presidente, invocando o testemunho da viúva de Tancredo, dona Risoleta, testemunha da conversa decisiva entre os dois.

Sarney aproveitou a réplica para dar sua alfinetada, lembrando que, na campanha eleitoral de 1986, no auge do Plano Cruzado, candidatos a governador, inclusive Pedro Simon, subiam no palanque e usavam seu nome e seus discursos para ganhar votos. Foi então a vez de Simon reagir, negando energicamente que algum dia tenha usado o nome de Sarney na campanha.



Sarney, beijado pela filha Roseana, comemora a vitória no Senado